ANACRHÔNICAS DA FRANCA DO IMPERADOR nº 45 2026_09nov

INÍCIO DA PRESENÇA JAPONESA EM FRANCA

Ao terceiro planeta na órbita do Sol, estrela da Via Láctea, demos o nome de Terra. A vida humana surgiu a um milhão de anos sobre ele. Logo após a última era glacial, os humanos se espalharam por todos os continentes. Alguns deles cruzaram o estreito de Behring que unia o continente asiático ao americano (hoje Rússia e Alaska) e desceram até o sul, ocupando a chamada América do Sul. Os homens, desde sempre, são seres que migram. O Brasil é um país formado por imigrantes e migrantes internos, pela miscigenação entre os povos originários, europeus, africanos, asiáticos. A imigração foi política de Estado desde a colônia e continua sendo, ao receber pessoas de países alvos de guerra ou catástrofes naturais. A migração interna tem outros componentes, como a imensa desigualdade social e econômica, que leva as pessoas a se mudarem de cidades e estados

A extrema direita tem crescido com o apoio à xenofobia, o ódio aos estrangeiros, o crescente apoio à expulsão de trabalhadores pobres de países ricos. No Brasil, isso é contraditório com a nossa história e cultura, o que torna estranho terem apoio popular seres perversos como por exemplo políticos de extrema direita de Santa Catarina que defendem essas ideias.

Digo isso para contar uma outra história que começou ao rever uma foto antiga da minha turma do colegial no IETC. Apesar de Franca nunca ter sido alvo de imigração direta do Japão (eram tão poucas famílias nos anos 1960 que dá para nomear: Moge, Iamashita, Maegawa, Morikochi, Soussumi. Utuni, Minamihara), como aconteceu a tantas cidades brasileiras, em especial do oeste paulista e do norte do Paraná, minha experiência de vida foi marcada por várias pessoas descendentes de japoneses ao longo dos anos.

A primeira descendente de japoneses que conheci foi Elisabeth Maria Leico Maegawa no primeiro ano do curso ginasial no IETC em 1963. Ambos alunos tímidos, nunca fomos próximos e ela era a discrição em pessoa, trocamos poucas palavras naqueles sete anos que estudamos juntos, do primeiro ginasial ao final do colegial. Era uma das melhores alunas da classe, principalmente em exatas, deixava todos nós no chinelo, só tirava dez. Costumava conversar com algumas poucas meninas que eram suas amigas, como a Neima Vieitez, por quem soube que ela estudou Matemática na UNESP em Araraquara e se fixou em Rio Claro. Conheci também sua irmã Beatriz, que iniciou o curso de arquitetura e depois se tornou assistente social do Fórum de Franca, onde se aposentou. Procurei Beatriz e Roberto Maegawa, irmãos da Elisabeth, para saber um pouco mais de sua história. Os Maegawa vieram do Japão nas primeiras levas de imigração japonesa. Os avós da Beth ainda eram crianças e vieram com os pais para a região de Uberaba trabalhar na lavoura. Em 1944, quando a tia de Beth (Elza) concluiu o curso de odontologia, veio para Franca montar seu consultório. Os pais da Beth compraram um sítio em Ribeirão Corrente, na divisa com São José da Bela Vista, então distrito da Franca. Enquanto seus pais tocavam o sítio plantando batatas e levando para revender no CEASA em São Paulo, enviavam os filhos para estudar em Franca, morando na casa da tia Elza. A casa à Rua Padre Anchieta onde moravam os Maegawa ainda existe, ficava perto da minha no centro de Franca. Elza acompanhava os sobrinhos nas aulas de português do Luiz Cruz (amigo do dentista Iamashita), depois lecionou matemática para alunos que precisavam de reforço. Com 94 anos, Elza vive atualmente em Uberlândia e até hoje leva os sobrinhos-bisnetos à escola, uma vida a serviço das pessoas.

Minha colega Elisabeth, após a formatura em Araraquara, casou-se com um professor e pesquisador da UNESP de Rio Claro, cidade onde viveu trabalhando como professora e bancária, teve três filhas e faleceu em 2011. Os nomes dos irmãos Maegawa (oito) sempre são compostos, um nome ocidental que tinha relação com a época (Elisabeth é de 1952, o mesmo da coroação da rainha britânica), Roberto é de 1967, época que desponta Roberto Carlos, outro é Ruy por conta do Ruy

Barbosa. O segundo nome é sempre japonês, Elisabeth Leico, Beatriz Sadaco. O pai era Washington (o governador paulista da época em que nasceu).

Depois de Beth, conheci outros descendentes de japoneses em Franca, como os professores Moge e Utuni, Morikochi, o médico Soussumi, até o início dos anos 1980 eram bem poucos ainda. Mas como disse, minha vida foi impactada por alguns deles de forma importante. No final dos anos 1970, quando era conselheiro da Fundação Cultural Mário de Andrade, fui com Atalie a um salão de arte em Ribeirão Preto e fiquei impressionado com o trabalho de um grupo de jovens artistas chamado "Art-Errar" (Hiro Kai, Alice Haga e Mari Kanegae). Tive a cara de pau de procurar Hiro durante o evento e Atalie o convidou a ser jurado do Salão de Arte de Franca. Começou ali uma amizade que perdura até hoje. Hiro nos ajudou desde o início do Laboratório das Artes (a prensa de gravura do Lab foi doação dele), sempre que possível o encontramos em São Paulo, assim como Alice Haga que atua com artesanato e origami. Já Mari Kanegae esteve em Franca nos primórdios do Lab para ensinar técnicas de origami, seus livros sobre o assunto são clássicos. Antes disso, como vivi em Mogi das Cruzes nos tempos da faculdade de arquitetura, onde há uma grande colônia nipônica, tinha colegas como a primeira que conheci e nos convidou para estudar em sua casa, a Helena Sato. No final dos anos 1980, conheci o professor Ioshiaqui Shimbo da UFSCar, parceiro e amigo que me orientou e norteou meus caminhos na pesquisa e na extensão universitária, juntos realizamos muitos trabalhos e até hoje nos encontramos regularmente em atividades conjuntas. Mais recente, o Edison Hiroyama entrou na lista, responsável pela montagem da exposição da Atalie em São Paulo. Todas essas amizades só poderiam ser comemoradas com as imagens de uma visita (dica do Hugo Segawa) para conhecer o "Casarão do Chá" em Mogi das Cruzes, onde passei com filhos e netos, uma incrível construção em madeira com técnica japonesa que não usa pregos ou parafusos, só encaixes.

Mauro Ferreira é arquiteto